

FANTOCHES

BASTIDORES DA POLITICA E DOS NEGOCIOS

DIRECTOR E EDITOR

ROCHA MARTINS

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alecrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440-C.

As ideias da moagem sobre eleição municipal de amanhã

O ser ou não ser vereador — Os exploradores que se dizem monarquicos — Como os encaro e os encararei — O seu papel em relação aos vencidos da Causa — O que se passa com os sacrificados — Os labirintos duns grandes negócios

Repetem-se, amanhã, domingo, em dezasseis assembleas lisboetas as eleições municipais nas quais eu sou candidato. Recebi, um numero de votos muito lisongeiro, na primeira consulta aos muncipales, mas tambem uma decepção: os do Campo Grande riscaram-me em varias listas. Averigüei porquê, e só muito tarde compreendi tudo ao receber uma serie de cartas nas quais me garantem a supressão do meu nome nas outras freguesias onde o eleitorado se vai manifestar.

Fiquei radiante. Eu estou actualmente trabalhando numa obra vasta, a qual me interessa muito mais do que discutir com os democraticos a questão das carnes ou o lixo da cidade e não me decido a deixar de escrever a *Alla Banca* ou a *Arcada*, de marcar a vida da Bolsa e dos polticos, de profundar qualquer facto histórico ou de simplesmente, brincar com os *Fantoches* para me limitar a ouvir chamarem-me senhor vereador como ao sr. Domingues que julga ter saído do Pelourinho o alfaiate Fernão Vasques com sua objurgatoria ao rei ou para suar imenso no combate que lentaria dar a certos êrros, a determinados favoritismos, a imensas trapalhadas existentes nos serviços camararios.

Já se vê, pois, como me agradou a ideia de, tranquilamente, aqui à minha meza, continuar a ganhar a vida com esta pena—e só com ela, senhores da plutocracia—que zurze e amedronta quem me receia no

município. Quererá, porventura, o partido monarchico saber quem se propõe contrariar os seus designios não me elegendo. Por agora dir-lhe-hei, sómente, que nas nossas fileiras é possível que haja influências de moageiros, de exploradores, disfarçados nos principios. Amanhã, após a eleição, eu mostrarei ao país como se imiscuíram entre gente honrada os que nas assembléas se bandeiam. Tratarei, tambem de as escorraçar, pedirei a solidariedade da agremiação para atirar fóra da nossa convivência e expurgar da Causa, quem rouba o povo e se diz monarchico.

Já expliquei que na minha formula de regimen, a qual é acompanhada por muitos dos que deram o seu sangue e o seu bem estar aos ideais, não se toleram as sanguesugas nem se dá guarida aos bandidos que, tendo por deus o negócio, desejam até a morte de quem os queira reduzir a ganhos honestos.

Duma vez para sempre precisamos definir situações e eu obrigo-me a dar essa satisfação aos monarchicos, atravez de todas as contingencias. Quando prometo — todos o sabem — cumpro.

Ha personagens de situações altas dentro de determinadas empresas que se dizem partidarios do rei e vivem associados com outros que se apresentam como jacobinos puros. Um elo forte os liga: o dinheiro. Uma turba escrava os serve: nós, os seus moleques. Esses homens nunca fizeram um sacrificio pela Causa e cada vez que se lhes chega um correligionário pobre ou antes uma vítima da sua fé, é com um ar aborrecido que o recebem, o encham de perguntas varias e acabam por não lhe dar guarida.

Existem em Lisboa imensos estabelecimentos onde dominam monarchicos e nos quais se admitem só republicanos. Imaginar-se-ha que desejo a exclusão dos partidários da república dos Bancos e Companhias, onde são directores os nossos correligionarios. Não. Eu queria apenas a preferencia para os que são realistas em igualdade de circumstancias. Mas não se pratica assim. Sei que não se pratica; e vi, após o Monsanto e a Monarquia do Norte, officiais, civis, soldados, policias, escorraçados, depois de vencidos, para se encaixarem nos empregos, sobre os quais alguns monarchicos da finança e da moagem tinham poder, carbonarios recomendados pelos seus sócios já no regimen integrados.

Quando lhes aparece um sacrificado recebem-no com autenticos pontapés. Quando surge um individuo, sacudidamente, a defrontá-los pretende-se limitar-lhe a acção dentro do partido no qual apenas figuram ou antes botam figura.

Jamais desejei cousa alguma da política. Se quizesse teria sido, quando da revolução de Sidonio Paes, ministro plenipotenciario ou titular duma pasta. Preferi não aceitar a representação da república no estrangeiro, logar onde ainda hoje estaria, pois ninguem me demitiria, tenho a certeza. Desde que me investisse nesse papel, defenderia, honrada e dignamente, o que jurasse; seria bem diferente de alguns diplomatas do regimen que o desdenham, de dentro das suas fardas bordadas, sobretudo diante de senhoras.

Como não passava dum rebelde, na sedição continuada fiquei, enquanto os dos negócios, a coberto, comodamente, nem eram capazes de inscrever os seus nomes numa lista de subscrição para os aniquilados.

Passou-se muita fome no exílio enquanto os que pimpam de correligionarios valiosos, continuavam a mover o seu oiro e a comer com os da república, militantes e jacobinos, o dinheiro da farinha roubado ao país.

São estes os que pretendem dar combate a quem não se vende. Eles bem sabem os passos que ensaiaram para me conduzir ao que chamam a ordem. Cautelosamente andaram até que se meteram, de novo, nos seus sonhos de realisarem a demolição por outros modos. Eu, porém, pouco ambicioso de dinheiro e muito mais presando a minha voz, que não se cala, decidi-me a vêr se a sorte que me acompanha nas batalhas travadas me favorece mais uma vez.

Andei anos a fio contra Afonso Costa que muitos dos individuos a que me refiro reverenciavam. Conspirei; meli-me com todas as faunas revolucionarias, levei anos na luta e, um dia, o inimigo ingressou na fortaleza de Elvas donde saiu pela romantica generosidade de Sidonio Paes. Eu cheio da convicção do mal que esse homem fizera á nação, e até aos ideais que diz defender, ataquei-o perscrutei a sua ascenção na fortuna, e combati-o. Numa hora venci porque criei com a minha pena mais do que qualquer outro, a atmosfera em que se poderam deflagar os ataques, soar novas oratorias: a dos canhões.

Pois bem. Firmemente, abertamente, creio que hei de vencer. A atmosfera prepara-se; os ralhos ouvir-se-hão.

Em volta desta carteira só escuto queixas de vencidos; é a gente que se bateu e mal ganha para viver, clamando que aqueles *correligionarios* só os escorraçam, mostrando-me que a qualidade de monarchicos apresentada por tais personagens—os que pretendem combater-me—só os prejudica, e, então, eu, contando comigo, com a razão e com a Providencia, que conduz muitas vezes os homens até á loucura para os perder, espero vêr repetido o caso do forte de Elvas, desta vez não só em nome da politica, mas duma razão mais alta: a da fome dos que lutaram, das necessidades dos que são roubados, e ansiosos andam da sua hora, A plutocracia, meus amigos, não tem partido; compra os homens como quem merca fantoques e depois de os fazer seus divertimentos lança-os para as sentinas. Aos honrados detesta-os, aos combativos odeia-os, aos que se ligam a uma fé, que muitas vezes eles dizem ser a sua tambem, troçam-nos como succedeu aos do Monsanto e aos do Porto, estarrapados e repelidos por quem os devia acolher em nome da solidariedade de principios. Eles, porém, não tem senão lachada, pertencem a um mundo áparte em cujos meandros eu farei, em breve, penetrar quem tanto anima a batalha, juntando-se em torno desta publicação.

Hoje são já aos milhares; um diz que talvez formem a legião dos que tem sido joguetes, a erguer-se contra quem á sua custa muito tem rido depois de felizes digestões e muito melhores negócios.

Excavações no cerebro do ministro da guerra

Uma tarde tragica em Vizeu — Descida perigosa — Os labirintos da fantasia — O que eu topei num cerebro ministerial — As minhas sensações no vacuo — Penetrei o misterio?

Pedi, ha dias, licença ao senhor ministro da guerra para vêr e publicar no *A B C* as excavações feitas no Castelo de S. Jorge.

Animava-me o espirito curioso de penetrar nesses subterrâneos excitado por certos documentos que talvez me levassem a uma descoberta curiosa. Foi-me negada a permissão, sêca e duramente, sem um motivo; empedernidamente.

Deliberarei, então, fazer outras excavações: as do cerebro do senhor ministro da guerra.

Ora sente-se aí v. ex.^a e não tenha medo. Aquela tarde de Vizeu, que eu descrevi na *Monarquia do Norte*, com o seu retrato e o do seu companheiro já vai longe. V. ex.^a recorda-se? Estavam dominantes no Porto as Juntas Militares; governava Vizeu o senhor Abel Hipolito, e não lhe chamo general porque tanto a êle como a v. ex.^a considero-os demittidos desde o sucedido.

Noutro país não estaria aquele personagem comandando uma escola militar nem v. ex.^a à frente do exercito e as razões são as seguintes: entregaram-se, sem combate e rodeados de tropas, a um simples capitão, o senhor Sá Guimarães e a um alferes D. Tomás da Camara, desde que lhes garantiram marcharem na sua rectaguarda as legiões da Junta.

V. Ex.^{as} ainda quizeram telefonar mas em suas cabeças, pouco militares, uma terrivel certeza se formou: a de que essas legiões tinham cortado toda a espécie de comunicação. Não averiguaram nada, entregaram-se e apenas a tempestade acompanhava quem os prendeu e ela, deruindo os paus dos telegrafos e telefones, os auxiliou na vitória. Não levavam um soldado. Foi assim; por isso eu, ao pedir-lhe que tome o seu

logar lhe recomendo serenidade, coragem, enfim que não tenha receio.

Eu não vou conduzi-lo para o Porto num automovel ao lado do D. Tomás a investigar do senhor Hipólito como tinha êle prendido Machado Santos, em Abrantes. Socegue v. ex.^a. Vou apenas fazer nos seus miolos as excavações que não me consentiu que eu fizesse no Castelo de S. Jorge. Naturalmente porque se lembrou daquela descrição, feita por mim, da sua falta de sangue frio em Vizeu, e, tomando da pena, indelêriu. Eis o que me diz quem o conhece. Não creio. Vou analisar, excavando, com uma curiosidade de *reporter*, os verdadeiros motivos de tal recusa.

Vejo claramente o interior da sua caixa craneana. Tem lá uns compendios velhos do estado maior, nos quais ha lacunas formidaveis ácerca das guerras modernas, uma preocupação enorme que debalde busca disfarçar numa das circumvalações e pouco mais. Realmente cavar o cerebro de v. ex.^a não é achar o tesouro dos Pharaós, embora haja em todo o seu aspecto o ar de um sepulcro egipcio. Ah! não. Não lhe estou chamando pirâmide nem mesmo me atreveria a acrescentar a designação, a materia de que êla seria feita se acaso como tal o visse. Os tumulos tarraonicos não eram dess. fôrma geometrica mas cavados, solurnos, extrânhos.

As buscas ácerca dos motivos da sua negativa ao meu requerimento innocente, eis o que procuro com mais ansiedade ainda do que nas jazidas das mumias se delira na esperança de encontrar joias daquelas épocas recuadas ou documentos que atestem restos das velhissimas civilisações.

As razões porque iniciei este trabalho não foi para descobrir qual a célula que vibrou na hora grotésca de Vizeu, tão pouco de descortinar o que tanto o preocupa mas simplesmente achar o motivo da repulsa pela minha pretensão.

Bem sei que é preciso revolver muito e eu não encontro já o quê; começo a sentir-me num poço enorme quasi vasio a receber claridade por duas claraboias: são os seus olhos. Sento-me no rochedo e medito.

Para que lado heide encaminhar os meus raciocinios; para que ponto deste vasto deserto me heide mover? Este segredo não pode ficar, átravez dos tempos, como o misterio do *Mascara de Ferro*.

Porque não me deu o ministro licença de descer áqueles vagos subterraneos do Castelo de S. Jorge, onde eu procuraria uma curiosa passagem da velha Lisboa, debruçado sobre uns papeis, á luz de uma lanterna electrica? Porquê, meu Deus?!

Desoladamente, parecendo um naufrago, que se encarrapilasse num outeiro e sobre um precipício, aqui estou debruçado para este vácuo imenso. Se falo, se me interrogo, vem o éco repetir-me as palavras, solurno, lugubre, cavo como aquela trovoadá que derrubou os postes em Vizeu no dia da entrega de dois officiaes superiores a uns seus subordinados; se me calo, tenho a impressão de um ruído igual ao que sentiria

se puzesse o ouvido num gigantesco buzio. Para aqui estou e na minha imaginação não deixa de vibrar esta necessidade, esta ânsia de conhecer bem as razões daquele indeferimento.

É certo que, por via de regra, os ministros da guerra da república embirram com as minhas pretensões. Quis ir para França e repeliram-me do voluntariado; desejei visitar estabelecimentos militares e nem me responderam, pretendi vêr presos políticos pretextaram asneiras para não darem tal ordem, ambicionei lêr os documentos relativos ás operações dos exercitos republicanos contra o Porto — e quatro ministros, quatro! — me indeferiram os requerimentos.

Claro que penetrei as razões que os moviam e que passo a expôr: recearam-me dentro duns quartéis, onde tenho entrado varias vezes; quando desejei ir para a guerra; nas oficinas do exercito não tinha que fazer pois podia vir contar das suas deficiencias, junto dos presos políticos cousa alguma haveria para me entreter; enquanto aos documentos das lutas fratricidas mais grave ainda era consentirem-me o seu conhecimento desde que eu, fatalmente, demonstraria terem sido condecorados individuos aos quais só se devia dar demissões.

Na minha frente tenho um bocado da bandeira azul e branca — a de Marraquêne — rasgada em Monsanto e que me foi oferecida por um bravo da república. Da bôca deste official ouvi cousas extranhas ácerca da forma porque se concederam as medalhas.

Pois bem; como se está lêndo eu penetrei todos os motivos das desconfianças dos ministros para comigo e das razões porque me afastavam das zonas da sua interferencia. Só não compreendo esta teima em não me deixarem entrar num subterraneo.

Muito atacára eu o senhor Norton de Matos e consentiu-me a entrada em S. Julião da Barra, em Elvas, em Almeida para tratar de um trabalho historico. Claro que fui só onde quis, que era vêr o Machado Santos. O trabalho historico appareceu. Lembra-se?

Desta vez confesso que ludibriei um ministro. Mas agora, num tempo de paz pôdre, quando ninguem conspira, quando no Castelo, ha meia duzia de soldados apenas e algumas ruínas de velhas paredes?!

Eu bem me baixo, eu bem revolvo as materias extranhas deste cérebro onde bato mas não atino, não acho, não penetro as determinantes de tal procedimento para comigo. Ora que mal faria a descida de um homem a um subterraneo negro com o seu sequito de redactores e de fotógrafos? Sim, que mal faria?! Eu bem interrogo aqui os ecos desta caverna onde as celulas não existem já, pois tudo está devastado e só uma resposta me vem: a minha propria pergunta: Que mal faria?!

Para mais se acaso descobrisse o caminho ignorado, mostrasse como no passado se descia da Alcaçova até ao mar, o senhor ministro da guerra participaria da gloriola do feito porque, sem duvida, uma lapide

asseguraria ao futuro o seu consentimento na aventura. Lá ficaria escrito: sendo ministro da guerra: Fulano de tal Faria, julgo que é Faria e que o resto das letras do nome com que o designam não passa de uma invenção reacionaria, pois Freiria recorda pousio de freiras.

Porque será?! Porque não desci ao subterraneo?! Porque me de-teve?!

É escusado. Aqui dentro desta cova, iluminada pelos vidros de uns oculos, eu não acho a verdade. Rapida como um rato dos subterraneos passou agora uma sombra de ideia na vastidão desta cambota extranha. Apreendi-a, delive-a, guardei-a, segurei-a, vou analisa-la. Começo a vêr claro; saí da catacumba e um desejo enorme de tomar banho me enche, me devora, me espicaça. Venho mais sujo do que se descesse a um exgoto. Emfim, trago bem presa, bem agarrada a minha descoberta. Revolva-a, vira-a, ponho-a de molho, desencasco-a e, quando julgo ir vê-la clara nem por mais lócada me satisfaz esta ânsia de saber porque me indeferiram o requerimento, porque não penetrei nos subterraneos do Castelo de S. Jorge.

Quando narrei a alguém o caso, a explicação veio:

Julgaram que eu levaria obuzes dentro da maquina fotografica e que como o actual presidente do conselho, noutros tempos, poderia interessar-me por transportes de explosivos.

Se não foi isto, então, decididamente não percebo e desistirei de querer penetrar mais segredos de tais cerebros, porque muito caros me ficam neste tempo da carestia do sabão.

O Arlequim do Pantheon

Os exploradores dos mortos — O que se ouve
na necropole real — Como se tratam cadáveres
— A falsa realeza e a falsa prata — O publico
ante os atzúdes — Os compendios de história
e o cicerone

Na mansão dos mortos reais — a que certo jornalista já chamou a *Salgadeira* — no Panteão, à beira de S. Vicente, ha um guarda de ares ousados que parece bater nos defuntos augustos com as chicotadas da sua voz.

Ignorante da história e da civilidade, o pupilo da Junta da Paroquia a qual cobra certa quantia para mostrar os Braganças nos seus tumulos, exerce a sua função como um palhaço no estrado duma barraca de feira arrabaldina, pimpante e senhor de si. Só lhe faltam os guisos; nos gestos é bem do funambulismo e parece ter a impressão que esses detestados mortos — que para af estão sem haver cuidados de maior com suas jazidas — são corpos de exploração, carnes a apodrecer para sustentar encargos paroquiais e seus.

Lembra-nos a história duns ciganos que mostravam as singulares feridas dum aleijado feitas para seu regalo e provento, os applaudidores dos assassinios de reis dos quais tiram os resultados sibilando as suas frases contundentes.

Este arlequim do Panteon galeia em frente de estrangeiros a sua irreverencia como certo *cicerone* improvisado que existiu no palácio da Pena, nos primeiros meses da república, o qual, mostrando a pintura dum belo nu, numa quadra real, a intitulava de «sala onde o rei praticava as suas devassidões».

Foram sempre assim estes parasitas infectos dos grandes desgraçados da história, lódos hediondos que vêem à superficie nas grandes revoluções como a vasa se agita do fundo dos mares nos fragores tempestuosos

Em todo o caso, o Simão do Templo, embebedando o Delfim para o obrigar a confessar ter sua mãe praticado com ele o incesto, é menos miseravel do que quem não respeita os mortos; Hudson Lowe, insultando com as suas torturas de inglês soldadão e bebado, Napoleão prisioneiro parece-nos melhor de que quem não dá deferencias a vítimas; os proprios Buíça e o Costa, regicidas, num impeto, em nome do que julgavam a salvação do país, teem explicação mais natural do que quem desdenha

de cadáveres no fundo duma necróple régia. Prefiro-lhes os assassinos de Ekaterineburgo massacrando a família imperial russa mas não a cuspiendo de desprezos numa exposição funebre diante de visitantes.

Quem visita o Panteon pôde ser levado por uma curiosidade, mas geralmente vai lá por uma alta devoção. Os que titulam de *Salgadelra* esse logar de repouso dos reis portugueses nem lhe passam à porta e o unico furioso jacobino que ali está rangendo os dentes, é aquele guarda dos mortos, ao qual de ha muito qualquer visitante de mais nervos devia — não podendo contar com o despedimento do atrevido por parte do governo — ter corrido pelas vielas de S. Vicente para exemplo de futuras condutas.

E' vêr-se o arlequim, em ares de senhor e dono da ultima residencia dos soberanos, a narrar histórias falsas dos Braganças mortos com a mesma incompetencia com que fala duma aventureira viva chamada a miudo para seus dizeres, entre pillos e prestimanicos.

— Aquela é a Carlota Joaquina. —! O ronllante arlequim vai falando dos passos da mulher de D. João VI como se alguém perguntasse, diante daqueles jazigos, cousas que só aos historiadores compete provar para terem fóros de verdade. Tateia todos os despojos, e em grande braçadas, chama o publico, e desata a apedrejar as memorias augustas:

— Aquele é o rei Luís, pai do rei Carlos . . .

E' assim que ele trata esses cadavres de que tiram proveitos em dinheiro os toleradores de semelhante guia em tão sagrado logar. Factos que attribui aos reis bolsam da sua bôca cuja fome se sacia à custa da exhibição dos mutilados corpos reais.

De quando em quando, vem uma queixa vaga à imprensa sobre o parlapatão; depois apaga-se, dilui-se e ninguem mais se importa que em S. Vicente de Fóra, maculando com a sua voz de titereiro e com a sua febre de jacobino, o derradeiro asilo dos que em Portugal reinaram, um serventuario da maculação e da infamia continui a achincalhar sombras que reinaram:

— Aquele é o Luís Filipe, filho do rei Carlos . . . Foram varados no Terreiro do Paço . . .

Ao rememorar o facto parece sentir um grande prazer em ser escutado e chama as atenções dos visitantes, nestes termos, debruçado sôbre os caixões:

— Eh! Venham cá . . . Depois não vão dizer para fóra que eu não explico . . . Este é o rei Carlos . . .

Na sua urna, alastrando sôbre o vidro, no qual um miseravel escarrou à altura do rosto do rei, na hora da primeira exposição do cadaver à turba, o morto, na sua farda, extranho e esverdinhado, apresenta-se em toda a vasta ruina aos que, piedosamente, o olham e o filho principe tão gentil, e que soube morrer querendo defender os seus, tambem se mostra na decomposição dos seus depojos ante as palavras irrespeitosas e irreverentes do guardião:

— Olhem, este é o Luís Filipe . . .

Chega-se ao fim — e vem então o meu informador narrar-me como a voz desse energumeno se amacia ante o caixão do infante D. Afonso. Tem-se a impressão que lhe é querido; trata-o com um carinho, que de resto todos os mortos merecem, mas que em semelhante escoucinhador de titulos reais muito é para causar admiração.

—Aqui, meus senhores, está o príncipe, senhor D. Afonso, irmão do rei Carlos e tio do Luis Filipe... Esta urna custou vinte mil libras—ou mais—êle lá regula aquilo como entende—e foi mandada fazer pela viuva do infante, a senhora princesa D. Maria Pia...

Este possesso só acredita n'uma unica realesa. Na falsa. Sucede-lhe o mesmo que ante o caixão de casquinha em que madame Nevada Chapmann encerrou o morto e o qual o ignorante imagina ser de macissa prata.

A sua ternura e crença, acabará, porém na hora em que a dona crismada de nome régio deixe de visitar a miudo S. Vicente e de ter com o jacobinote aquelas expansões que acabam acariciando, com algumas notas de vinte e cinco tostões, as palmas das mãos do encarregado de desacreditar os mortos reais e de enaltecer as aventureiras tornadas duquezas por conta duma ligação escandalosa.

Eu só irei a S. Vicente em duas situações para escutar as primeiras palavras—só as iniciais—das diatribes. Primeiro, se um dos ministros, incognitamente, sem correio e sem pasta, me levar; segundo, no momento em que homens de bem governem este país para demonstrar ao arlequim quanto é vil e infecto aquele palodinar diante de cadaveres que se tratam de resto.

Nesse dia já não existirá, tambem, aprovada para uso das das escolas, a actual historia oficial, escrita por miseros lisongeadores que comem tanto dos cadaveres reais, mentindo—os fantoches risiveis—como o cicerone que parece declamar paginas da mentira como se fôsse o colaborador querido dos autores de tais compendios.

Resposta de Roberto ao "Apêlo à Nação"

O programa e o povo — Psicologia do nacional
— As suas grandes aspirações — Duas maneiras
de chegar ao poder — Qual a preferível?! —
Onde se evoca um documento do passado

Meus amigos:

Agora que já falaram ácerca do apêlo à Nação os jornalistas, os economistas e os farcistas — que assim se deve traduzir os que se dizem fascistas, à italiana — vou dizer da minha justiça, eu, Roberto, valentão antigo, relegado para uma sargenta donde me arrancou, em certa noite de nevoeiro, aquele que vós sabeis. Não-de extranhar a franqueza mas eu sou assim porque, por mais ensinamentos, não ha maneira de deixar a rudez, a peça só, de que meus avós viveram. É por isso que sou de madeira mal talhada e minha arma é o tradicional fueiro português que tanto serve para deslombiar como para amparar carregos e mesmo para cabo de pá forneira em dias de invasão dos fronteiriços.

Li aientamente o programma do grupo que uns chamam de intelectuais por estarem nêles dois ou três literatos e outros de mescla — sem ser a fazenda porque essa guindou-se à hora da morte — porque naturalmente se juntam, nesse alfobre de patriotas, gentes de todas as opiniões avançadas porque tratando-se de nacionalismo — como dizem — cuidadosamente se arredaram os que melhor poderiam representar a tradição. Ali ha comunistas de fachada a mais e pensadores de crédito a menos; existem republicanos em barda e não perpassa a sombra de um monarquico.

É, pois, um nacionalismo em que ha camadas de portugueses relegados e um apêlo apenas a meia dóse de nação.

Vejamos do que se compõe este singular país ao qual se dirigem individuos de mentalidades diversas, de ideias diferentes, provisoriamente ligados numa aspiração como os homens das conferencias do Casino, excepto no prestigio e na *toilette*.

Portugal é uma nação nada daquela a que se referia Galba ao exclamar no Senado romano: «é um povo que não se governa nem se deixa governar» trase sintetica e formosa para fechar um acto de drama lusitano. Pois bem; é a tal aglomerado que num apêlo, comprido em demasia, escrito em linguagem pouco popular, se dirigem os autores desse programa.

Desconhecedores da psicologia da massa que pretendem amoldar, êles

começam por esse erro crasso da falta de conhecimento do seu meio. É como se um canteiro ignorasse o grão da pedra que pretende afeiçoar e um químico nunca tivesse ouvido falar em reacções.

O português desinteressa-se coletivamente; não vibra numa acção conjunta. Entusiasma-se facilmente, — é um rastilho — mas com a mesma rapidez se aborrece. É uma faúlha. Impulsivo, ardente, consome-se como um fogareu de palha. Para elle só existe o facto realizado. Falho de espirito critico e ávido de sensações, ignorante e pouco previdente, com um fundo ancestral de mandria e uma confiança estúpida nos que, por força, o hão-de explorar, indignado ao vê-se no ludíbrio, é então, leroz, pachola ante o fascinador, o intrujão, é pascacio e tolo, como seu filho a quem vendem cordões de latão. Elle acabou por duvidar á saloia e fatalmente por se deixar vigarisar embora se julgue com lume no olho. Isto, porém, acontece-lhe, por via de regra, diariamente sem que se emende mas é certo, também, que não faz cousa alguma para isso. Em polticos já não acredita e hoje teem apenas um ideal á vista e outro escondido: o que mostra é a ânsia de comer barato; o que oculta é o sonho de se alimentar de graça. Para o primeiro caso sente, com desespero, ter que trabalhar, embora pouco; para o segundo delicia-se na esperança de não produzir nada. Fez do estado a sua Providencia, a sua varinha de condão; depois de se empregar no funcionalismo, levou para as repartições a mulher e os filhos e ha lares onde á noite se podia dar despacho pois não faltaria nem o papel de officio, que por via de regra, também se leva para usos caseiros.

Os signatarios do Apêlo, na sua grande parte, pertencem á burocracia, embora especial. Homens de letras, que não vivem exclusivamente da sua pena, tomando do estado a sua sopa e o seu assado, buscando nos labores cerebrais a sobremeza, desfaldam a sua bandeira que trás já a marca da servidão.

Independentemente ninguem se move nem brada em Portugal, país onde são possíveis as greves de empregados publicos que, de resto, vivem em eterna paralisação.

Fala-se no manifesto, em liquidar a onda dos alimentados pelas secretarias e torna-se extranho que todos nelas procurem subsidio, mesmo muitos dos que sentem não poder continuar esta orgia de papelada e de amanuensamento.

O país é composto por um milhão de trabalhadores enfastiados, dois de mulheres desiludidas, ante o regimen, e o resto é tudo, empregados publicos. Às vezes acumulam as suas funções com outras — ou antes não vão á repartição, para ganharem a dois carrinhos, como sói dizer-se, e não é extranho vêr um militar dono de mercearia, um segundo oficial vendendo piúgas, um director geral associado em tabernas ou em casas de jogo, todos fóra da sua função, desorganizados, réles. Outrora dizia o Eça que Lisboa era uma cidade aliteratada, afadistada e aconselheirada; hoje a capital — perdido o seu habitante mais tipico, o fadista, tornado carbonario e patriota de emprego seguro — não passa de um burgo desmoralizado, descaracterizado e enjoativo. Uma miragem extranha dá a toda esta gente o ar de alucinação. Os barbeiros — desde que se levou a foda a gente o coiro e o cabelo — sentem-se os verdadeiros senhores da situação e a miudo enquanto nos lanham a cara, vão monologando — porque geralmente não se lhe responde — ácerca dos males da patria e concluindo: Se eu fosse ministro . . .

Se por acaso alguém os interroga ácerca das suas possíveis medi-

das êles não lhe atiram com um vasto programa, fóra do alcance de quem não seja intelectual, agora mal distribuido pelo país, mas conclui num sorriso ameaçador e brandindo a navalha: Oh! levava isto tudo a cavalo marinho!

Como o barbeiro pensa o resto de Portugal, mas quando se lhe vai pedir que salte para a rua a fim de meter nos eixos a malta devorista, o açambarcador e o ladrão, êle cóça na cabeça, volta-se com ar enfadado e declara perentorio: Ah! se eu fosse ministro . . . E vem logo o estribilho de desancar o resto dos portugueses. Ah! bom marmeheiro! e cruza os braços.

Ninguém dá um passo que lhe custe, uns porque andam descalços — é o unico país da Europa onde isso se vê — outros porque teem as botas apertadas, ao que parece. Não são pessoas para calculos nem para meditações; aceitam os factos realizados, aderem-lhes e eis tudo. Vem outra cousa acolhem-na, embora resmungando, porque «comer e dizer mal é o costume de Portugal».

Versatil por natureza, sem caracter firme, balouçando sempre entre varias opiniões como as ondas que banham as costas do país, entre os rochedos, mudando a miudo como os ceus que o cobrem, desvairando rapidamente como o vento que tão veloz ali se levanta, êle não é capaz de sustentar nem um principio nem um homem quanto mais um programa.

Para este caso do *Apêlo* nem houve uma corrente aplaudidora.

Toda a gente está filiada em grupos, numerada, catalogada e à bica para promoções. Pertencer a uma clientela é ter a certeza de que se não morre de fome e que um milhão de produtores garantirá o empregosito ao filiado num partido político. Daí a falta de cidadãos ante qualquer cousa que venha de novo. A corrupção reina como uma doença contagiosa. É a peste negra da república. Aposto que ainda não deram por isso. Pois é assim mesmo e quem iniciou essa endemia foi o partido democratico. Por isso êle é o unico organizado e com fanaticos. Ali dá-se de comer; ha sempre a mesa posta e farta ou seja em Paris para o chefe ou na Brazileira para a populaça. Ora ninguem vai deixar o certo pelo duvidoso — é outro anexam da nação que parece ter por Evangelho um Almanach do Borda d'Água — e daí a achar-se que não vale a pena sequer lêr o vasto papel onde se pretende definir o nosso estado, abrir os olhos a um povo que sabe que existiu Camões apenas por êle ser cego de um olho.

Claro que toda a gente — a Nação para a qual se apela — sabe que isto vai mal, que não pode continuar mas não responderá a quem se lhe dirigiu, enquanto não chegar ao poder.

Nesse dia o Terreiro do Paço estará cheio de apelantes que dirão uns para os outros: eu sempre apelei. O povo chama *apelar* a apanhar alguma coisa. Ora para chegar ao mando ha dois caminhos: um a chamada do senhor presidente da república o outro é a revolução. Naturalmente, pelo primeiro meio, seria um interessante ensaio, mas existem ali num canto de Lisboa certos senhores que já correram a pontapé um ministerio inteiro.

Não teem ares divinos estes deuses que pairam acima das leis nem usam nomes mitologicos: alcunham-nos de *Pintor*, *Ai ó Linda* e *Antonio da Praça*.

Verdadeiros condutores da vasa cidadã, são dominadores. Já respon-

deram estes ao *Apêlo*? Não?! Nesse caso escusam de pensar em galgar ao poder, pela vontade do senhor presidente da república.

Mas então?! Resta a revolução. Àcerca desse golpe carecemos de conversar devagarinho. Nenhum dos homens que faz parte dessa agremiação nova, que apelou, jámais se viu num movimento. Os bravos militares que assinam esse papel teem a sagração das batalhas onde foram condecorados mas ignoram que para fazer uma revolta é necessario, quasi, aliciar os soldados um por um. Hoje já não se vai por patriotismo mas por interesse. Antigamente — e eu bem o sei — levava-se uma caserna atrás de um alferes. Bastava que o superior mandasse tocar a unir. Agora desejam que se lhes garanta ali, como num balcão, que pelo menos duas das companhias do batalhão, passem para a fiscalisação do sêlo e o resto do regimento entre na guarda fiscal com a patente de sargento.

Ah! a patria quer que a gente marche; pois venha de lá a *étape*! Tem que se lhes dar o pagamento sem o que não se dura duas horas no poder. De resto em Portugal a maioria dos regimentos não teem armas, os soldados andam licenciados, os officiaes bocejam. Só a guarda republicana tem elementos poderosos mas . . . casados. Oh! meus amigos, vocês sabem lá o que é o soldado com mulher e filhos?! Ainda me lembro de um marujo a invocar a familia para pedir cinco contos a Sidonio Paes, na vespera do arranco.

Já veem, pois, a inanidade do seu gesto diante de tantos interesses creados. Seria necessario galgar ao mando para aplicar algumas das cousas que se delineiam no *Apêlo* — porque o resto já vieram os criticos demonstrar não ter viabilidade desde que se começou por calculos errados.

Eu, Roberto — que sou, na realidade o povo — acabei de me definir; os senhores nem atingem esse fim. Ficaram ainda muito nebulosos e, francamente, sabem o que eu sinto diante da sua prosa, do seu programa, do seu apêlo? Que já ouvi com musica, foguetes, areia encarnada e tropas empenachadas nas ruas. Era tambem inane. Chamava-se-lhe: então, *Discurso da Corôa*.

A literatura na esquadra de policia

A apreensão dos jornais e dos livros — Em que se parece o senhor Afonso Costa com Gomorrha? — O que são livros indecentes — Zola, o puro — Romanticos de perversão — Como se confirmam oficialmente os meus juizos.

Como jornalista, sou individuo cuja prosa tem sido apreendida mais vezes em Portugal; até quando escrevo *magazines* os governos me roubam o papel, apesar de nunca ter aconselhado sadismos nem salicas contorsões. Daí cada vez compreender menos porque os da governação pública me sujeitam ao mesmo castigo que aos autores das apoteoses a Sodoma e propagandistas do lesbismo. Palavra de honra, que a recente tomadia dos livros, de cuja extração a policia se encarregou, me fez meditar e muito. Quando me apreendiam as *Novidades* era por chamar tirano ao senhor Afonso Costa e narrar as propotencias da familia Rodrigues; o *Jornal da Noite* levavam-no para o governo civil porque tratava de ladrões os que punham o país a saque e apelava para a revolução; o *Liberal*, esse então, desaparecia nas rarias policiaes em virtude das minhas criticas aos demagogos que nos atiravam para a guerra pelo sistema da condução de rezes direitinhas ao matadouro; o *A B C*, apesar da sua tranquila attitude de semanario elegante, tambem já tem ido para os calabouços acusado de tratar casos de história contemporanea demonstrando com o senhor Antonio Maria da Silva, vestido de forneiro, que, ao consentir no aumento do preço do pão e no dos lucros da moagem, directamente nos lança na revolta e os moageiros na boa fortuna primeiro e depois para outra maior: a do rapido e eterno descanso.

Pois bem, não sei em que se compara o ataque ao «genio mau de Portugal», como lhe chamou esse atheniense da palavra, Cunha e Costa, com as preferencias gomorricas do autor da Sodoma; tampouco atinjo em que se poderão assemelhar os Rodrigues aos sodomitas e os ladrões às lubricas contaqueantes femenis; as idas para a morte em massa não sei que tenham de comum com a blandicias porcas de dois individuos de igual sexo, nem em que a defesa do pão, tipo unico, se possa ligar aos tipos duplos cujos livros receberam as honras iguais ás dos meus periodicos.

Naturalmente o que a policia quiz marcar foi a igualdade entre as inversões sexuais repugnantes e todos os casos de que tratrei e colo-

car o senhor Afonso Costa na situação duma porcaria, os Rodrigues como uma miseria moral, os rapinantes como postulas, o resto como nojencias.

Como foi disso que eu tratei, e só por tal motivo fui apreendido, a policia acaba de me dar rasão comparando os grandes homens do regimen e alguns dos seus factos históricos com repugnantes ligações e com as scenas indecentes.

Só deste modo se explica esta igualdade de tratamento que, de resto, o auctor dum dos livros proibidos, desejava, isto em publico e razo, vêr applicado a Zola, a Mirabeau, a Rabelais e não sei se a Camões, pelo menos em referencia do episódio da Ilha dos Amores,

Para o meu entendimento não ha indecencias literarias, desde que se exprimam os pensamentos em boa prosa ou verso.

O que existe é mà literatura e essa é tão condenavel como as revistas do ano, onde se exibem personagens de baixo vicio, entre gargalhadas alvares do publico, sem que se intervenha policialmente a não ser para se amar, entre bastidores, alguma corista galantina.

Descrever, com a verdade, os factos da vida e tirar deles corolarios para combater os seus males é magnifico e foi essa a obra de Zola, que muita gente vê apenas como um pintor de maus costumes sem reparar nas paginas de maravilhas das quais resulta o ensinamento, donde vem a repelencia contra as podridões. Aqueles livros, tão combatidos, são mais dignos do que estas obras de poesia onde, ao contrario do que fez o Dante da Prosa, se cantam os amores adulteros com grande aprasimento dos maridos e dos trabalhos romanticos onde o amante surge sempre esplendido e cheio de virtudes enquanto o esposo da dama não tem senão defeitos, embora a sustente com o fructo do seu suado esforço.

Quer isto dizer que ensacar vinte asneiras entre quatro ideias perversas seja literatura indemne? Não. As autoridades deviam até—depois de aprenderem a lêr—não consentir em circulação senão livros bem são, embora escritos na mais forte forma realista, que, podem provocar o delirio dos sentidos mas mostram os horrores desses vicios anti naturais ou ainda em terem apenas o intuito de os descrever como marcas duma epoca. Isso, porem, não pode ser belo sem elegancia de forma e não tem valor em versos de pé quebrado.

Nos casos presentes eu só lamento a perda do papel que está carissimo, e receio imenso pela virtude da policia, agora tornada a leitura assidua dos autores incriminados. No fundo da minha alma brotou, todavia, um enorme contentamento. Confirmou-se oficialmente com estas verdades que ao serem apreendidos os meus jornais eu, tratando do chefe demagogico e dos outros, só remexia em porcarias.

